

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 2

Título: "CAVALGADA PARA O MAR"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): SYNGE, J. M.

Adaptador: ?

Realizador: GONÇALVES, HORÁCIO

Locutor: ?

Data de produção: 11/11/1975

Data de Emissão: 17/11/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
EUNICE INÚNOS	MAURYA
MÁRIO SARGEDAS	BARTLEY - FILHO
PAZARINA AVELAR	PAHLEEN - FILHA
ZÉLIA ROSA	NORA - FILHA MAIS NOVA
CARLOS ROSA	VELHO
GRACA VITÓRIA	UMA MULHER

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Opis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DÍREÇÃO ARTÍSTICA - CARMEM DOLORES

Indexação: - TEATRO RADIODIFUSÃO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA Nº. <u>11</u>	PROGRAMA <u>11</u>
DATA DE ENTRADA <u>01 NOV. 1975</u>	FECHAMENTO DE <u>11</u> / <u>11</u> / <u>11</u>
PEDIDO DE GRAVAÇÃO <u>11</u> / <u>11</u> / <u>11</u>	HORAS <u>11</u>
AGRAVAMENTO <u>11</u> / <u>11</u> / <u>11</u>	VISTO
HORA <u>11</u> / <u>11</u> / <u>11</u>	
NÚMERO DE PEDIDO <u>11</u> / <u>11</u> / <u>11</u>	
DE GRAVAÇÃO <u>11</u> / <u>11</u> / <u>11</u>	

"CAVALGADA PARA O MAR"

de

J.M. SYNGE

Personagens:

MAURYA, uma mulher idosa *Eunice Muniz*
 BARTLEY, seu filho - *Mário Sargeda*
 CATHLEEN, sua filha - *Catarina Avelar*
 NORA, sua filha mais nova - *Felisa Rosa*
 Homens e Mulheres. *Gracia Vitória*
Carlos Rosa

/MI.-

Cozinha de uma cabana de pescadores,
numa ilha a oeste da Irlanda. Roupas
de oleado, redes, uma roca de fiar, al-
gunas tábuas novas e remos encostados
à parede, etc.

(CATHLEEN, uma rapariga de cerca de vinte anos, acaba
de amassar um bolo e coloca-o no forno do fogão; de-
pois limpa as mãos, senta-se e começa a fiar.

NORA, sua irmã mais nova, espreita à porta que dá pa-
ra o exterior.)

NORA - (em voz baixa) Onde está a mãe?

CATHLEEN - Deitada na cama - Deus seja louvado! - e talvez a dor-
mir, sefor capaz disso... (Nora entra mansamente e
tira um trouxa de baixo do ~~chaile~~ ^{chaile}.) Que trazes tu aí?

NORA - Um^s coisas que o senhor prior me entregou há bocado.
É uma camisa e uma meia de um afogado que apareceu em
Donegal. (Cathleen faz parar a roca com um movimento
brusco e curva-se para escutar.) Temos de ver se per-
tencem ao Michael. A mãe não tarda a ir lá para baixo
olhar o mar...

CATHLEEN - Como é que essas roupas hão-de ser do Michael, não me
dirás? E ele? Como pode ir parar tão longe?

NORA - Diz o senhor prior que já se têm visto coisas assim.

'se forem do Michael' disse ele, 'podem contar-lhe' que tem um enterro de bom cristão, graças a Deus.

E se não forem, que ninguém lhe fale nessas roupas, pois a vossa mãe acabará por matar-se com gritos e lamentos".

(Um golpe de vento abre a porta, que

Nora havia deixado encostada, ao entrar,

CATHLEEN - (olhando inquieta para fora): Pediste-lhe que fizesse com que o Bartley não fosse hoje levar os cavalos à feira de ~~Galway~~ ^{Galway} Galway?

NORA - "Não posso impedi-lo" respondeu-me ele, "mas não tenham receio. Ela ficará a rezar toda a noite por ele, e Deus não há-de deixá-la desamparada sem nenhum filho no mundo".

CATHLEEN - O mar está bravo para o lado dos rochedos brancos, não está, Nora?

NORA - Deus se amerceie de nós, Cathleen! As ondas fazem um braulho infernal, e será ainda muito pior quando a mar se voltar contra o vento. (Dirige-se para a mesa com a trouxa.) Queres ver agora as coisas que eu trouxe?

CATHLEEN - Agora não. Ela pode acordar de repente e entrar. (Aproximando-se da mesa.) Temos tempo de sobra para chorarmos as duas... quando estivermos sószinhas...

NORA - (indo à porta que dá para o interior da casa e pondo-se à escuda) Parece-me ouvi-la mexer-se na cama. Vai aparecer não tarda.

CATHLEEN - Traze-me para aqui essa escada. Vou esconder as roupas no depósito da lenha. Aí tenho a certeza que a mãe não as encontra. Quando a maré encher, é bem capaz de ir até à praia, ver se o cadáver aparece a boiar...

(colocam a escada contra o rebordo do depósito de turfa;
Cathleen sobe dois ou três degraus e esconde a trouxa com
a roupa. Entretanto, Maurya entra pela porta interior.)

MAURYA (para Cathleen, zangada): Não te chgas o carvão que tens aí,
para todo o dia?

CATHEEE: Pus agora mesmo um bolo a cozer no forno, mãe. É para o
Bartley, se for à feira, quando a maré encher.

(Nora põe no fogão o carvão que a irmã atirou da escada)

MAURYA (sentando-se num banco ao pé do fogão): Ele hoje não vai,
com a ventania que se levantou. Tenho a certeza de que o
senhor prior não o deixa ir.

NORA Vai, mãe... Eu ouvi dizer que ia...

MAURYA Onde é que ele está?

NORA Foi lá abaixo saber se havia outro barco que saísse esta
semana. E a mim parece-me que deve estar aí não tarda nada,
pois a maré chegou já ao cabeço verde e o batelão vai apare-
cer dum momento para o outro.

CATHLEEN Estudem!... Vem gente a passar ao pé do rochedo grande!

NORA (espreitando para fora): É ele, é... E como vem depressa!

BARTLEY (entra e olha à sua volta. Fala com tristeza e devagar):
Cathleen, que é feito da corda nova que eu comprei a semana
passada em Connemara?

CATHLEEN: Vai tu buscá-la, Nora; está ali naquele prego, ao pé dos remos. Pendurei-a lá esta manhã, porque fui dar com o porco a roê-la.

NORA (entregando-lhe uma corda) : É esta, Bartley?

MAURYA O que tu fazias mel'or, meu filho, era deixar essa corda aí pendurada onde está. (Bartley pega na corda.) Vamos precisar dela quando encontrarem o corpo do teu irmão amanhã pela manhã, ou na manhã seguinte, ou noutra manhã qualquer desta semana, pois, com a ajuda de Deus, a gente vai fazer-lhe uma campa bem funda.

BARTLEY (começando a dobrar a corda): Não tenho cabresto para montar a égua até lá abaixo. E não há tempo a perder. Nestas duas semanas mais próximas não torna a sair outro barco. E dizem que vai ser uma boa feira de cavalos.

MAURYA Faço ideia do que as pessoas hão-de murmurar, se o corpo aparecer de repente e não houver um homem cá em casa para fazer o caixão... E fui eu dar os olhos da cara pelas ^{mulheres} mulheres-tábuas que havia na aldeia!

BARTLEY Como quer a mãe que ele seja atirado à praia, se o procurá-mos em vão durante nove dias a fio? E ainda por cima com o vento fortíssimo que se levantou esta manhã?

MAURYA Talvez o encontrem e talvez não; eu é que nunca mais o torno a ver. Mas ainda que fossem cem cavalos, ou até mil, que tu

tivesses para vender, o que é o preço de cem cavalos comparado com um filho, quando só nos resta um?

BARTLEY

(continuando a trabalhar, para Cathleen): Cathleen, não te esqueças de ver todos os dias se as ovelhas saltam para o campo de centeio, e se aparecer por aí quem dê um bom preço pelo porco, podes vendê-lo.

MAURYA

Como é que uma rapariga como esta há-de ser capaz de vender um porco por bom preço?...

BARTLEY

(sempre para a irmã): Se o vento continuar até ao entardecer, tu e a Nora vão apanhar erva que chegue para outra cozedura de algas. Ah, é bem dura a vida que nos espera, agora que não temos em casa senão um homem para trabalhar...

MAURYA

E há-de ser ainda mais dura, tenho a certeza, no dia em que morreres afogado, como todos os outros... Que vai ser destas duas raparigas e de mim, uma pobre velha com os pés para a cova?

BARTLEY

(pousa o cabresto, tira o casaco e veste um outro mais novo, mas de fazerda igual. Para Nora): O barco já chegou ao cais?

NORA

(olhando para fora): Está agora passar o cabeça verde e a descer as velas.

BARTLEY

(pego na bolsa e no tabaco): Em meia-hora ponho-me lá em baixo. E daqui a dois ou três dias estarei de volta - ou talvez quatro, se o vento não estiver de feição.

MAURYA

(voltando-se para o fogão e pondo o chaile pela cabeça): É

preciso um homem não ter coragem para se recusar a ouvir uma velha, que tenta arrancá-lo ao mar...

CATHLEEN: A vida dum homem é sair para o mar e quem é que vai dar ouvidos a uma velha que passa o dia inteiro sempre a remoar a mesma coisa ?

BARTLEY (pegando no cabresto): Tenho de ir andando. Vou montado na égua vermelha e o cavalo pardo irá atrás de mim... Deus vos abençoe! (Sai)

MAURYA (gritando enquanto ele está à porta): Oh, meu Deus! Foi-se embora e nunca mais hei-de tornar a vê-lo! Foi-se embora, e quando a noite escura descer, não terei ^{mais} nenhum filho no mundo!

CATHLEEN Porque é que não lhe deu a sua bênção, mãe, quando ele se voltou ao pé da porta? Não creio já a desgraça que nos caiu em cima, e ainda o deixa ir embora com ^o negros presságios e palavras duras?

(MAURYA pega nas tenazes e, em silêncio, de olhos baixos, começa a raspar o lume, sem saber o que está a fazer).

NORA

(voltando-se para ela): Mãe, ^{se continhas a raspar o lume,} assim o bolo não coze!

CATHLEEN

Deus me perdoe, Nora! Esqueci-me de lhe dar o bolo! (proximando do forno)

NORA

E ele está sem comer desde que o sol nasceu...

CATHLEEN Pobre irmão! Onde irá buscar forças para trabalhar! (tira o bolo do forno). Ninguém fica no seu juízo perfeito quando tem ao pé uma velha que não pára de falar (Maurya mexe-se no banco. Cathleen corta algumas fatias de bolo e embrulha-as num guardanapo. Para amãe:) Vá lá abaixo ao pé da fonte, e dê-lhe isto quando ele passar. Ande, vá! Faça com que ele se esqueça das suas más palavras e diga-lhe: "Deus permita que volte depressa". Assim ele poderá partir mais descansado.

MAURYA (pegando nas fatias embrulhadas): E achas que chego a tempo?

CATHLEEN Se for depressa...

MAURYA (levantando se com dificuldade): Custa-me tanto a andar...

CATHLEEN Dá-lhe o cajado, Nora, não vá ela escorregar nas rochas.

NORA Qual cajado?

CATHLEEN O que o Michael comprou em Connemara

MAURYA (pegando no cajado que Nora lhe estende): Em toda a parte é costume os velhos deixarem as coisas deles para os filhos e netos, mas aqui são os novos que deixam as suas coisas aos velhos. (Sai lentamente.)

(Nora sobe a escada que continua encostada ao depósito da turfa)

CATHEEN Espera, Nora, ela pode voltar atrás de repente. No estado em que anda, coitada, nunca se sabe o que é capaz de fazer.

NORA Já atravessou as dunas?

CATHLEEN (olhando para fora): Desapareceu agora. Deixa ver depressa o embrulho das roupas. Só Deus sabe quando é que ela tornará a sair de casa.

NORA (tendo a trouxa da arrecadação): O senhor prior disse que passava por cá amanhã e que fôsse-mos falar com ele, se tivermos a certeza de que estas roupas são do Michael.

CATHLEEN (pegando a trouxa): Ele contou como é que foram encontradas?

NORA "Vinham dois homens a remar", disse ele, "num barco que trazia contrabando, e de repente, ainda galo não tinha cantado, o remo dum deles foi bater num roço que a corrente arrastava". Nessa altura passavam junto dos rochedos negros do Norte.

CATHLEEN (tentando abrir a trouxa): Deixa ver uma faca, Nora; o fio está ensapado em água salgada e tem um nó cego que tu não serias capaz de desatar nem numa semana.

NORA (dando-lhe a faca): Ouve dizer que Donegal fica muito longe daqui é verdade?

CATHLEEN (cortando a corda): Se fica!... Há tempos esteve cá um homem - olha, o que nos vendeu esta faca - e contou-me que se uma pessoa saísse daqui a pé, levaria pelo menos sete dias até chegar a Donegal!

NORA E quanto tempo leva um homem a boiar daqui até lá?

CATHLEEN (abre a trouxa e tira um farrapo de camisa e uma meia. As duas irmãs contermplam com evidente inquietação essas coisas,

Depois, Cathleen, em voz baixa): Deus tenha compaixão de nós!
É bem triste, se tivermos de reconhecer que estas coisas lhe
pertencem!

NORA Vou buscar a camisa dele, que está pendurada ali, para comprar
o pano. (Olha para as roupas penduradas a um canto). Não a vejo,
Cathleen! Onde é que poderá estar?

CATHLEEN Parece-me que o Bartley a vestiu esta manhã. Tinha a dele
ensopado de sal. Mas deve haver por aí um pedaço de uma manga
do mesmo tecido. Procura comparar as flanelas) A fazenda é
a mesma, mas isso o que prova? Não é verdade que há tantas
peças desta flanela em todas as lojas de Galway? E também não
é verdade que há tantos homens na aldeia que podem ter uma
camisa igualzinha à do Michael?

NORA (Que pegou na meia e contou as malhas): Esta meia é do
Michael, Cathleen! É do nosso irmão! Deus tenha em descanso
a sua alma! O que irá ela dizer quando souber, e ainda por
cima com o outro filho no mar?

CATHLEEN (pegando na meia): Ora! É uma meia igual a tantas outras...

NORA É a segunda do terceiro par que el lhe fez. Tenho a certeza!
E se contares as malhas, verás.

CATHLEEN (contando as malhas): Uma duas... Uma duas... Uma duas, três,
quatro... (Num grito) Ah! minha irmã, é bem triste pensar
que ele andou lá longe a boiar ao sabor das ondas todo este
tempo, e que ninguém o chorou, a não ser os passáros negros
que voavam sobre o mar!

- NORA - (virando-se e estendendo os braços sobre a roupa): E não é uma coisa bem triste, quando um homem que foi um grande remador e um bom pescador não deixa atrás de si senão um pedaço de camisa e uma meia de lã?
- CATHLEEN - (depois de uma pausa.) Vai ver se ela vem aí, Nora. Pareceu-me ouvir passos no caminho.
- NORA - (espreita para fora) É ela, Cathleen! Está quase a chegar à porta!
- CATHLEEN - Esconde essas coisas todas antes que ela entre. Com certeza vem mais sossegada, depois de ter dado a benção ao Bartley. A gente não lhe vai dizer nada, enquanto ele andar no mar.
- NORA - (ajudando Cathleen a fechar a trouxa) Vamos pôr tudo aqui, ao canto da chaminé. (Colocam tudo ao canto da chaminé. Cathleen volta a sentar-se junto da roca.) Achas que ela percebe que eu estive a chorar?
- CATHLEEN - Põe-te de costas para a porta, de modo que a luz não te dê de frente. (Nora senta-se ao canto da chaminé, com as costas viradas para a porta. Maurya entra muito vagarosamente, sem olhar para as filhas, e vai sentar-se no seu banco, ao lado do fogão. Traz o guardanapo onde Cathleen embrulhou as fatias do bolo. As raparigas olham uma para a outra, e Nora aponta o embrulho. Uma pausa.) Então não lhe deu o bolo? ^{ou não?} (Maurya sem se voltar, começa a chorar suavemente.) Já não chegou a tempo? (Maurya continua a chorar. Cathleen, com um pouco de impaciência:) Deus do céu! Não acha que é melhor falar e dizer o que viu, do que estar para aí com essas lamentações que não resolvem coisa nenhuma? Viu o Bartley? Vamos, fale!

- MAURYA - (Em voz débil) Hoje o meu coração ficou despedaçado para sempre...
- CATHLEEN - Não viu o Bartley?
- MAURYA - Vi a coisa mais horrível deste mundo!
- CATHLEEN - (indo espreitar para fora) Valha-a Deus! Ele vai agora mesmo a passar pelo cãbeço verde, e leva o cavalito pardo atrás dele.
- MAURYA - (estremece de tal maneira que o chaile lhe cai da cabeça, deixando ver o cabelo encanecido em desalinho; numa voz assustada.) O cavalito pardo atrás dele...
- CATHLEEN - (indo para junto do fogão) Mas afinal de contas o que é que foi?
- MAURYA - (Num tom de voz muito baixo) Vi a coisa mais horrível que jamais alguém viu desde o dia em que Bride Dara encontrou o homem morto com o filho nos braços...
- CATHLEEN E NORA - Ah! (aninham-se em frente da velha, junto ao fogão.)
- NORA - Diga-nos, mãe: o que foi que viu?
- MAURYA - Desci até à fonte e deixei-me lá ficar a rezar em voz baixa. Passado pouco tempo apareceu o Bartley; vinha mon'tado na égua vermelha e trazia o cavalito pardo atrás dele. (Encobrando os olhos com as mãos.) Deus Nosso Senhor nos proteja, minha filha!
- CATHLEEN - Mas vamos lá a saber, o que é que viu?

MAURYA

- Vi o teu irmão... o Michael em pessoa!

CATHLEEN

- (falando suavemente) Não viu, mãe. Não foi o Michael que viu, pois ^o seu corpo foi encontrado lá longe, ao norte, e ele teve um enterro de bom cristão, graças a Deus!

MAURYA

- Digo-te que o vi agora mesmo, e ele ia a cavalo, a galope! Primeiro apareceu o Bartley, montado na égua vermelha, e eu quis dizer-lhe ainda "Deus permita que voltes em breve, meu filho!", mas houve qualquer coisa que me embargou as palavras na garganta. Ele passou tão depressa!... "Deus a abencoe, mãe", disse ele, e eu não lhe pude sequer responder... Foi então que olhei, a chorar, para o cavalito parado e - meu Deus! - era o Michael ^{ali} montado nele, muito bem vestido, e de sapatos novos nos pés.

CATHLEEN

- Mãe! Mãe! - Que vai ser de nós, minha irmã! Estamos perdidas!

NORA

- Mas o senhor prior não dizia que Deus não a deixava desamparada, sem nenhum filho no mundo?

MAURYA

- (Em voz baixa mas distintamente) Os homens como ele pouco sabem do mar... Mas eu sei que vamos também perder o Bartley. Podem chamar já o velho Eamon para me fazer um bom caixão de madeira nova, que eu não quero continuar a viver depois de eles morrerem. Tive um marido, um sogro e ^{meus} ~~seus~~ filhos dentro desta casa - seis homenzarrões, que bastante me fizeram sofrer quando vieram a este mundo... E alguns foram

/MI.-

encontrados

e outros nunca mais apareceram. Mas agora perdi-os a todos e já não me resta nenhum! O Stephen e o Shawn desapareceram no grande vendaval, e depois foram encontrados na Baía da Boga Dourada. E trouxeram os dois para aqui na mesma prancha, por aquela porta... (ela cala-se por um momento, e as raparigas estremecem, como se ouvissem qualquer coisa para lá da porta, que está entreaberta.)

NORA

- (Num murmúrio) Ouviste, Cathleen? Ouviste?...

CATHLEEN

- (mesmo jogo) Está gente a gritar na praia.

MAURYA

- (continua a falar sem ter ouvido nada) E havia ainda o Sheamus e o vosso pai, que se perderam numa noite escura, e quando o sol nasceu ninguém mais tornou a vê-los. Depois foi a vez do Patch, que morreu afogado quando uma canoa se virou. Eu estava aqui sentada com o Bartley ao colo, quando vi duas mulheres entrarem, e depois três, e quatro, e mais... muitas mais... Entraram, benzeram-se e não disseram palavra. Atrás delas vinham homens que transportavam uma coisa embrulhada em meia vela vermelha. A água escorria da vela - e nesse dia não tinha chovido, Nora... E ficou um rasto de água desde a porta até ao sítio onde pararam... (Pára com as mãos estendidas na direcção da porta, que se abre, e começam a entrar várias mulheres idosas. Benzem-se no limiar e ajoelham-se em primeiro plano, com os saíotes vermelhos pela cabeça. Maurya, como num sonho, pergunta para Cathleen:) É o Patch, ou o Michael, ou quem é que ^{estas mulheres que entraram} ~~elas~~ vêm anunciar?

CATHLEEN - O Michael foi encontrado lá longe, ao norte, e se foi lá que o encontraram, como é que ele podia estar agora aqui, mãe?

MAURYA - Andam centenas de corpos boiando no mar! Como é que se pode saber que foi o do Michael ou doutro qualquer que eles encontraram? Quando um homem está nove dias no mar, com o vento que não pára ~~de soprar~~, nem a sua própria mãe é capaz de reconhecê-lo...

CATHLEEN - Era o Michael - e que Deus o tenha em eterno descanso! - pois mandaram-nos o que restava das suas roupas.

(Vai buscar as roupas e entrega-as a Maurya, que se levanta lentamente e pega nelas.)

NORA - (olhando para fora) Os homens trazem qualquer coisa com eles, qualquer coisa de onde a água escorre e deixa um rasto junto das rochas...

CATHLEEN - (num murmúrio, para as mulheres que entraram) É o Bartley não é?

UMA DAS MULHERES- É, sim... Deus tenha em descanso a sua alma!

(Duas mulheres mais novas entram e limpam a mesa. Depois entram quatro homens transportando o corpo de Bartley, estendido numa prancha e coberto com um pedaço de vela, e colocam-no sobre a mesa.)

Uma mulher - põe o corpo sobre a mesa.
/MI.-

CATHLEEN - (entretanto, para as mulheres) Como foi que ele morreu?

A MULHER - O cavalito pardo espantou-se e atirou-o ao mar, e ele caiu ao pé dos rochedos brancos, onde há uma grande ressaca.

(Maurya aproxima-se do topo da mesa e ajoelha-se. As mulheres ajoelham-se também, agitando-se num movimento vagaroso. Cathleen e Nora ajoelham-se na outra extremidade; os homens junto da porta.)

MAURYA - (erguendo a cabeça e falando como se não visse ninguém à sua volta) Agora desapareceram todos, e o mar já não me pode fazer mais nada! Agora já não preciso de estar acordada a noite inteira, a chorar e a rezar, quando o vento soprar do sul, e o coração não se me apertará mais quando vierem dizer-me que a ressaca está para os lados do poente e que as águas fazem um grande remoinho e um barulho infernal quando se chocam umas de encontro às outras... Já não preciso de ir buscar água benta nas noites escuras. E quando as outras mulheres estiverem nas suas orações, eu já não quero mais saber do mar!

(Para Nora) Deixa ver a água-benta, Nora. Há um resto aí na garrafa. (Nora chega-lhe a água-benta; Maurya estende a roupa de Michael aos pés de Bartley e asperge-os com a água-benta.) E cansei-me eu a pedir a Deus por ti, Bartley! Fartei-me de rezar pelas noites adiante, até já

nem saber o que dizia... Mas agora vou ter um grande descanso. E já é tempo, para mim, de descansar! Sim, um grande descanso... Vou dormir a sono solto durante as noites compridas, mesmo que só haja um pouco de farinha molhada para comer, e talvez um peixe já podre... (Ajoelha outra vez, benze-se e reza.)

CATHLEEN

- (a um velho) Talvez vossemecê e o Eamon queiram fazer um caixão, quando amanhecer. Temos umas belas tábuas novas que ela própria comprou - Deus a proteja - julgando que haviam de encontrar o Michael. E eu tenho aí um bolo, feito há pouco, que podem comer enquanto estiverem a trabalhar.

O VELHO

- (olhando para as tábuas) Também têm pregos?

CATHLEEN

- É verdade! Não pensámos nos pregos...

O VELHO

- Pois é de admirar que ela se tenha esquecido dos pregos, depois de ter visto fazer tantos caixões...

CATHLEEN

- Está a ficar velha e sem forças. Os desgostos deram cação dela.

(Maurya torna a levantar-se, desta vez muito devagar. Espalha as peças de roupa de Michael ao lado do corpo do irmão, aspergindo-as com as últimas gotas de água-benta.)

NORA

- (num murmúrio, para Cathleen) Ela agora está mais sossegada. Mas quando o Michael ~~correu~~ afogado, ouviam-se os gritos dela lá em baixo, ao pé da fonte. Quem havia de pensar? O Michael talvez fosse o seu filho preferido...

CATHLEEN

- (lentamente) Uma velha depressa se cansa com tudo o que faz. E não é verdade que ela tem estado há nove dias a gritar e a chorar e a encher esta casa com a sua enorme dor?

MAURIA

- (põe a garrafa vazia em cima da mesa e pouisa as mãos sobre os pés de Bartley) Agora estão todos juntos. Chegámos ao fim. Deus Nosso Senhor tenha misericórdia das almas do Bartley, do Patch e do Sheamus, do Stephen e do Shawn. (curvando a cabeça) E que também tenha misericórdia da minha alma, Nora, e da alma de todos os que por cá ficam. (Pausa; as mulheres choram um pouco mais alto e depois calam-se.) O Michael teve um enterro de bom cristão, lá longe, nas terras do norte. Foi essa a vontade do senhor. E o Bartley vai ter um belo caixão, feito de tábuas novas, e uma cova bem funda. Que mais é que a gente pode desejar? Temos que nos conformar. Ninguém pode viver eternamente...

(Ajoelha-se de novo, enquanto, lentamente, desce o pano)



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Ministério "Cavalgada para o mar"* Referência { N.º/R.P.L. *734*
N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas { da gravação *11* de *novembro* de *1975* às *9,15* horas.
da 1.ª emissão *11* de *novembro* de *1975* Programa *1-15, 15*

Director artístico *Carmin Dolores* *Carmin*

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Leunice Martins</i>	<i>Maria</i>	<i>Carmin Dolores</i>
<i>Bartley - filho</i>	<i>Mário Sargadas</i>	<i>Carmin Dolores</i>
<i>Cathleen - filha mais velha</i>	<i>Catarina Alves</i>	<i>Carmin Dolores</i>
<i>nova - filha mais nova</i>	<i>Félia Rosa</i>	<i>Carmin Dolores</i>
<i>Uma velha</i>	<i>Carlos Rosa</i>	<i>Carmin Dolores</i>
<i>Uma mulher</i>	<i>Gracia Vitoria</i>	<i>Carmin Dolores</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor *Henrique Gouveia*

Locutor

Captação *Silva Alves*

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, *11* de *novembro* de *1975*